

ELSINORE

«Uma exploradora literária
dos medos do século XXI.»
La Vanguardia

Kentukis

SAMANTA
SCHWEBLIN

Antes de ligar a máquina,
certifique-se de que todos os homens
estão a salvo
das suas peças perigosas.

– *Manual de Segurança*,
Retroescavadora JCB, 2016.

– Conta-nos como ele morreu?
Conta-nos sobre esses outros mundos
entre as estrelas?
Sobre os outros tipos de homens,
sobre as outras vidas?

– *A Mão Esquerda das Trevas*,
URSULA K. LE GUIN

Começaram por mostrar as mamas. Sentaram-se as três na borda da cama, diante da câmara, levantaram as camisas e, uma a uma, despiram os sutiãs. Robin não tinha praticamente nada para mostrar, mas fê-lo na mesma, mais atenta aos olhares de Katia e de Amy do que ao jogo em si. Elas tinham-lhe dito, um dia, que se quisesse sobreviver em South Bend teria de se tornar amiga das mais fortes.

A câmara estava instalada nos olhos do peluche, que ia circulando sobre as três rodas escondidas na sua base, avançava ou recuava. Era controlado por alguém, não sabiam quem, a partir de outro lugar. Supostamente, seria um pequeno urso panda, simples e tosco, apesar de, à primeira vista, se parecer mais com uma bola de rãguebi fatiada numa das pontas, o que permitia que se mantivesse de pé. Quem quer que estivesse do outro lado da câmara queria observá-las sem perder nada, por isso Amy pôs o urso em cima de um pequeno banco, de modo que as mamas ficassem à altura do boneco. O peluche era de Robin, mas tudo o que lhe pertencia também era de Katia e de Amy: assim ditava o pacto de sangue que tinham feito na sexta-feira anterior e que as uniria para o resto da vida. Naquele momento, cada uma delas tinha de fazer a sua pequena atuação, por isso voltaram a vestir-se.

Amy pôs o peluche de novo no chão, pegou no balde que ela mesma tinha trazido da cozinha e colocou-o sobre o boneco, tapando-o por completo. O balde começou a deslocar-se pelo quarto, nervoso e às cegas. Chocava contra cadernos, sapatos e roupa caída,

o que parecia acentuar-lhe o desespero. Quando Amy simulou uma respiração ofegante e começou a fazer gemidos de excitação, o balde parou. Katia juntou-se a esse jogo, e simularam as duas um longo e profundo orgasmo simultâneo.

— Sabes que isto não conta como a tua atuação — advertiu Amy, quando conseguiram parar de rir.

— Claro que não — disse Katia, e saiu a correr do quarto. — Preparem-se! — gritou, afastando-se pelo corredor.

Robin não se sentia muito confortável com estes jogos, embora admirasse a desenvoltura com que Katia e Amy atuavam, o modo como falavam aos rapazes, o facto de conseguirem que os seus cabelos cheirassem sempre bem e que as suas unhas se mantivessem perfeitamente pintadas durante todo o dia. Quando os jogos ultrapassavam certos limites, Robin pensava que talvez estivessem a testá-la. Tinha sido a última a entrar para o «clã» — era assim que se designavam a si mesmas — e esforçava-se muito por estar à altura das expectativas das outras.

Katia regressou ao quarto com a mochila. Sentou-se diante do balde e libertou o peluche.

— Presta atenção — disse para o boneco, olhando para a câmara, e os olhos seguiram-na.

Robin perguntou-se se quem as via seria capaz de as compreender. Ouvia-as muito bem, a hipótese de que assim não fosse estava excluída à partida, e elas falavam em inglês, que é, no fundo, a língua que se usa por todo o mundo. Falar inglês seria possivelmente a única coisa boa que advinha de ter nascido numa cidade tão entediante como South Bend, apesar de ser sempre possível cruzar-se com um estrangeiro que não soubesse sequer perguntar as horas.

Katia abriu a mochila e puxou o álbum de fotografias do seu ano. Amy aplaudiu e gritou:

— Trouxeste a putinha? Vais mostrá-la?

Katia assentiu. Começou a passar as páginas, ansiosa, a ponta da língua a espreitar por entre os dentes. Quando a encontrou, abriu o

álbum de par em par e empunhou o livro diante do peluche. Robin aproximou-se para ver. Era Susan, a rapariga estranha do curso de Biologia que o clã atormentava por desporto.

— Chamam-lhe «a pinga-do-rabo» — disse Katia.

Mordeu os lábios uma ou duas vezes, como era habitual sempre que se preparava para fazer uma maldade especialmente perversa, que era o que o clã exigia.

— Vou mostrar-te como podemos fazer dinheiro com ela — disse Katia para a câmara. — Robin, amorzinho, vens aqui segurar o livro enquanto eu mostro ao senhor o que fazer?

Robin aproximou-se e fez o que lhe pediram. Amy olhava para elas, curiosa, pois não estava a par do plano de Katia, que procurou algo no seu telefone, até que encontrou um vídeo e pôs o ecrã em frente do peluche. No vídeo, Susan baixava os *collants* e as cuecas. As imagens pareciam ter sido gravadas no chão da casa de banho da escola, atrás da sanita; a câmara talvez tivesse sido posicionada entre o caixote do lixo e a parede. Ouviram-se uns peidos, e as três riram-se às gargalhadas e gritaram de prazer quando, antes de puxar o autoclismo, Susan ficou por um momento a contemplar a sua própria merda.

— Esta gaja nada em dinheiro, querido — disse Katia. — Metade para ti, metade para nós. O problema é que não podemos voltar a chantageá-la, a Direção anda a controlar-nos.

Robin desconhecia tudo aquilo, não era a primeira vez que o clã a excluía das suas atividades mais subversivas. O número de Katia estava prestes a terminar e ela teria de ir fazer o seu, mas não pensara em nada. Suava das mãos. Katia pegou num caderno e num lápis, escreveu algumas informações.

— Aqui tem o nome completo, o número de telefone, o *e-mail* e a morada da pinga-do-rabo — disse, ao juntar o papel à fotografia.

— E como é que damos o dinheiro ao senhor? — perguntou Amy a Katia, ao mesmo tempo que piscava o olho à câmara, para o senhor que supostamente as observava. Katia hesitou.

— Não sabemos quem ele é, não sabemos nada sobre ele — disse Amy, — por isso o pagamento pode ser mostrar-lhe as mamas. O que acham?

Katia olhou para Robin, como que a pedir ajuda. Era nesses breves momentos, quando Katia e Amy batalhavam entre si, nos píncaros da luxúria, que contavam com ela para alguma coisa.

— E como é que o senhor vai falar connosco? — Amy continuava a troçar da situação.

— Eu digo-vos— atalhou Robin.

As duas raparigas olharam para ela, surpreendidas.

Seria esta a sua pequena atuação, pensou, com isto ficaria safe. O peluche também rodou na direção dela, queria acompanhar tudo o que estava a acontecer. Robin deixou o livro, foi até ao armário e revolveu as gavetas. Regressou com um tabuleiro ouija e abriu-o no chão.

— Suba — pediu.

E o peluche subiu. As três rodas de plástico da base galgaram o cartão sem qualquer dificuldade, e o boneco depressa se colocou em cima do tabuleiro. Moveu-se ao longo do abecedário, como se estivesse a explorá-lo. Apesar de o seu corpo ocupar mais de uma letra em simultâneo, era possível perceber, depois, que letra pretendia assinalar, pois ficava escondida sob as rodas. O peluche parou debaixo do arco do abecedário e por lá ficou. Era evidente que sabia muito bem como se usava um ouija. Robin deu por si a pensar no que faria quando as raparigas se fossem embora e ela tivesse de ficar de novo a sós com o peluche, agora que lhe tinha mostrado as mamas e inventado um modo de comunicação entre eles.

— Perfeito — disse Amy.

Robin deixou escapar um sorriso maldoso.

— Quem tem as melhores mamas? — perguntou Katia.

O peluche moveu-se depressa sobre as letras do tabuleiro.

A L O I R A

Katia sorriu, orgulhosa, talvez porque soubesse que era verdade.

«Como é que eu nunca me tinha lembrado deste truque do ouija», pensou Robin. O peluche estava no seu quarto há mais de uma semana, a andar de um lado para o outro. Poderia ter conversado tranquilamente com ele, talvez até fosse alguém especial, um rapaz pelo qual poderia ter-se apaixonado, e agora estava a deitar tudo a perder.

— Temos acordo sobre a pinga-do-rabo? — perguntou Katia, mostrando-lhe uma vez mais a fotografia de Susan.

O peluche moveu-se, tornou a escrever.

P U T A S

Robin franziu o sobrolho, sentiu-se magoada, embora aquele insulto até pudesse dizer bem do seu peluche: ele sabia que aquilo que faziam não era coisa boa. Katia e Amy cruzaram olhares, sentindo-se orgulhosas, e mostraram-lhe as línguas.

— Que porco — disse Amy. — Vá, o que é que o senhor nos pode dizer mais?

— E somos mais o quê, meu vibradorzinho? — disse Katia, numa tentativa de o estimular, soprando-lhe beijinhos sensuais com a mão. — O que é que gostavas que fôssemos?

A M A S S A

Segui-lo exigia concentração.

V Ã O D A R M A V O C E S M E S M A S

As três raparigas trocaram olhares.

G R A V E I A S M A M A S 4 0 0 X M A M A S O U 2 4 0 0 D O L A R E S

Amy e Katia olharam uma para a outra durante alguns segundos e desataram a rir-se. Robin estava agarrada à camisa, apertava o tecido com força, tentando esboçar um sorriso.

— E vais cobrar isso a quem, diz lá? — perguntou Amy, fingindo que iria voltar a levantar a camisa.

S E N A O A S M A M A S X E M A I L A S U S A N

Pela primeira vez, Amy e Katia ficaram preocupadas. Robin sentia que não era capaz de decidir a qual dos lados da batalha pertencia, talvez o peluche fosse um justiceiro.

— Podes mostrar o que quiseres — disse Amy, — temos as melhores mamãs da cidade. Não temos vergonha delas.

Robin sabia que não estava incluída naquela afirmação. Amy e Katia fizeram um gesto de celebração. Nesse momento, o peluche começou a dançar sobre o tabuleiro, escreveu sem parar, compondo palavras que Robin quase não conseguia ler.

T E N H O V I D E O S D A M A E D A R O B I N A C A G A R E D A I R
M A D A R O B I N A M A S T U R B A R S E 6 X

Tinham de seguir o trajeto dele, letra a letra, não podiam desviar o olhar.

D O P A I A D I Z E R C O I S A S A M U L H E R A D I A S

Amy e Katia observavam, fascinadas e pacientes, o baile sobre o tabuleiro, à espera de cada nova humilhação.

D A R O B I N D E S P I D A E D A R O B I N A D I Z E R M A L D A A
M Y A O T E L E F O N E

Amy e Katia olharam uma para a outra. Depois, os seus olhares caíram sobre ela, já não sorriam.

D A R O B I N A I M I T A R E A G O Z A R C O M A A M Y E A K A T I
A E A B E I J A L A S

O peluche continuou a escrever, mas Amy e Katia deixaram de ler. Levantaram-se, pegaram nas suas coisas e saíram, batendo a porta com força.

A tremer, enquanto o peluche continuava a deslocar-se sobre o teclado, Robin tentava perceber como raio se desligava o aparelho. Já tinha reparado que não havia nenhum botão e, naquele desespero, não encontrou alternativa. Pegou nele e, com o bico de uma tesoura, tentou abrir a base. O peluche movia as rodas, tentava fugir, mas era inútil. Robin não encontrou nenhuma fenda que pudesse forçar para abrir o boneco, por isso voltou a pô-lo no chão, e ele regressou de imediato para cima do tabuleiro. Robin empurrou-o para fora do ouija com um pontapé. O peluche guinchou e ela gritou, porque não sabia que o boneco era capaz de guinchar. Pegou no tabuleiro e atirou-o para a outra ponta do quarto. Trancou a porta à chave e

tentou perseguir o peluche com o balde, como se estivesse a tentar capturar um inseto descomunal. Conseguiu tapá-lo com o balde e sentou-se sobre ele, ficou assim por instantes, as mãos agarradas à borda do balde, sustendo a respiração sempre que o peluche esbarrava contra o plástico, esforçando-se por não chorar.

Quando a mãe a chamou para jantar, ela gritou que não se sentia bem e que iria deitar-se sem comer. Pôs sobre o balde a enorme caixa de madeira onde guardava os cadernos de apontamentos e os livros escolares, imobilizando-o. Ouvira algures que, se não conseguisse abrir um aparelho, o único modo de o desligar era esperar que a bateria se esgotasse. Por isso, abraçou a sua almofada e sentou-se na cama à espera. Preso no balde, o peluche continuou a guinchar durante horas, dando pancadas no plástico como se fosse uma varejeira gigantesca, até que, já perto da madrugada, o quarto ficou em absoluto silêncio.

No ecrã apareceu uma caixa de texto quadrangular. Pedia que fosse inserido o número de série. Emilia suspirou e recostou-se na cadeira de vime. Era com este género de exigências que mais facilmente perdia a calma. Pelo menos, o seu filho não estava ao lado dela, marcando a passagem do tempo em silêncio enquanto ela pegava de novo nos óculos para reler as instruções. Sentada na secretária do corredor, endireitou-se na cadeira para aliviar a dor nas costas. Inspirou profundamente, expirou e, revendo cada dígito, escreveu o código que surgia no cartão. Sabia que o filho não tinha tempo a perder, mas mesmo assim imaginou-o a espiá-la usando uma câmara escondida algures no corredor, observando a sua ineficiência à distância do escritório em Hong Kong no qual trabalhava, tal como teria feito o seu marido se ainda estivesse vivo. Depois de vender o último presente que o filho lhe tinha enviado, Emilia pagou as despesas atrasadas dos consumíveis do apartamento. Não sabia grande coisa sobre relógios, carteiras de luxo ou calçado desportivo, mas tinha vivido o bastante para perceber que quaisquer objetos embrulhados em mais de duas camadas de celofane, guardados em caixas forradas e entregues contra-assinatura e com fatura valiam dinheiro suficiente para liquidar as suas dívidas de reformada e mostravam claramente como o seu filho a conhecia tão mal. Roubaram-lhe o filho pródigo quando ele completou dezanove anos, seduzindo-o com um vencimento obscuro e levando-o para terras longínquas. Agora, já ninguém lho devolveria, e Emilia ainda não tinha decidido a quem atribuiria a culpa.

O ecrã voltou a piscar: «Número de série correto.» Não tinha um computador topo de gama, mas aquele chegava para o uso que dele fazia. A segunda mensagem dizia: «Conexão de Kentuki estabelecida», e de seguida surgiu um programa novo. Emilia franziu o sobrolho, para que serviam aquelas mensagens indecifráveis? Enervavam-na, e estavam quase sempre relacionadas com os aparelhos que o filho lhe enviava. Por que motivo haveria de perder tempo a tentar compreender máquinas que nunca voltaria a usar, perguntava a si mesma sempre que aquilo se repetia. Olhou para o relógio. Eram quase seis horas. O rapaz telefonaria em breve para perguntar se ela tinha gostado do presente, pelo que fez um último esforço para se concentrar. No ecrã, o programa mostrava agora um painel de controlo, semelhante ao que usava quando jogava batalha naval no telefone do filho, antes de aquela gente de Hong Kong o ter levado. Acima do painel, um alerta sugeria a ação de «Acordar». Ativou-a. Uma parte enorme do ecrã foi ocupada por um vídeo, e os controlos ficaram restritos às margens, simplificados em pequenos ícones. No vídeo, Emilia viu a cozinha de uma casa. Pensou que talvez fosse o apartamento do filho, embora o espaço não estivesse decorado ao seu estilo e ela soubesse que ele nunca deixaria a divisão tão desarrumada nem sobrecarregada de coisas. Havia revistas pela mesa, debaixo de cervejas, tigelas e pratos sujos. No plano mais distante, via-se que a cozinha abria para uma sala pequena, que estava em condições similares.

Ouvia-se um burburinho suave, como que um canto, e Emilia aproximou-se do ecrã para tentar perceber o que seria. Os altifalantes do computador estavam velhos e eram ruidosos. O som repetia-se, e ela descobriu que, na verdade, se tratava de uma voz feminina: estavam a falar com ela noutra idioma, do qual ela não compreendia uma única palavra. Emilia sabia falar inglês — se falassem com ela calmamente —, mas aquilo soava a tudo menos inglês. De repente, surgiu alguém na imagem, era uma rapariga, tinha cabelo claro, e estava molhado. A rapariga voltou a falar, e o programa perguntou,

numa nova caixa quadrangular, se devia ativar a opção de tradução. Emilia aceitou, selecionou «Spanish» e, quando a rapariga voltou a falar, surgiu uma legenda sob a imagem:

«Ouves-me? Consegues ver-me?»

Emilia sorriu. Reparou, no ecrã, que ela se estava a aproximar ainda mais da câmara. Tinha olhos azul-celeste, uma argola no nariz que não lhe ficava nada bem, e no rosto uma expressão de concentração, como se também ela não percebesse muito bem o que estava a acontecer.

– Sim – disse Emilia.

Não conseguia dizer mais nada. Isto é como falar com alguém por Skype, pensou. Imaginou que o filho talvez conhecesse a rapariga e pediu a todos os santos que não fosse namorada dele, porque, em geral, não tolerava mulheres que usassem decotes demasiado ousados, e tal opinião não era fruto de um preconceito, mas de sessenta e quatro anos de experiência.

– Olá – disse, apenas para ter a certeza de que ela não a ouvia.

A rapariga abriu um manual do tamanho das suas mãos, aproximou-o muito da cara e ficou a lê-lo durante uns instantes. Talvez usasse óculos, mas sentisse vergonha de os pôr diante da câmara. Emilia ainda não tinha percebido o que se passava, que presente era aquele, embora tivesse de reconhecer que começava a sentir alguma curiosidade. A rapariga lia e acenava com a cabeça, espiando-a de quando em quando por cima do manual. Por fim, pareceu ter tomado uma decisão, baixou o livro e falou na sua língua ininteligível. O tradutor escreveu no ecrã:

«Fecha os olhos.»

Surpreendida pela ordem, Emilia endireitou-se na cadeira. Fechou os olhos por instantes e contou até dez. Quando voltou a abri-los, a rapariga ainda estava a olhar para ela, como se estivesse à espera de uma reação. Então, viu surgir uma nova janela na zona do ecrã onde estava o painel de controlo. Toda muito prestável, a janela oferecia a opção «Dormir». Será que o programa tinha um

detetor sonoro de instruções? Emilia selecionou essa opção e o ecrã ficou absolutamente negro. Ouviu a rapariga celebrar e aplaudir, e depois tornou a falar com ela. O tradutor escreveu:

«Abre-os! Abre-os!»

O painel de controlo ofereceu-lhe uma nova opção: «Acordar». Quando Emilia a selecionou, o vídeo tornou a surgir. A rapariga sorria para a câmara. Isto é uma estupidez, pensou Emilia, embora reconhecendo que tinha a sua piada. Havia naquilo algo de emocionante, mas ainda não tinha percebido exatamente o que era. Selecionou a opção «Avançar» e a câmara moveu-se uns centímetros na direção da rapariga, que sorriu, divertida. Viu-a aproximar o dedo indicador devagar, muito devagar, até quase tocar no ecrã, e voltou a ouvi-la falar.

«Estou a tocar no teu nariz.»

As letras do tradutor eram grandes e amarelas, via-as com facilidade. Acionou a opção «Recuar» e a rapariga repetiu o gesto, claramente intrigada. Obviamente, aquela situação também era nova para ela, e de modo nenhum a censurava pela sua falta de conhecimento. Partilhavam a surpresa de uma experiência nova, o que lhe agradou. Voltou a recuar, a câmara afastou-se e a rapariga aplaudiu.

«Espera.»

Emilia esperou. A rapariga afastou-se, e ela aproveitou para acionar a opção «Esquerda». A câmara rodou, e assim pôde ver bem quão pequeno era o apartamento: um sofá e uma porta ao fundo do corredor. A rapariga falou de novo, já não estava a ser filmada, mas o tradutor traduziu na mesma as suas palavras para espanhol:

«Esta és tu.»

Emilia rodou a câmara para a posição inicial, e ali estava outra vez a rapariga. Segurava uma caixa, com uns quarenta centímetros, à altura da câmara. A tampa estava aberta e dizia «kentuki». Emilia demorou algum tempo a perceber o que estava a ver. A parte frontal da caixa era quase toda de plástico transparente, via-se que estava vazia, e nos lados estavam coladas fotos de perfil, da frente e das

SAMANTA SCHWEBLIN

costas de um peluche cor-de-rosa e negro, um coelho cor-de-rosa e negro que mais parecia uma melancia do que um láparo. Tinha olhos esbugalhados e duas longas orelhas encostadas uma à outra na parte superior da caixa. Estavam unidas por uma fivela em forma de osso, que as mantinha erguidas em alguns centímetros, caindo depois, lânguidas, para os lados.

«És uma coelhinha *linda*» – disse a rapariga. «*Gostas de coelhinhos?*»

Naquelas paragens, havia bosques e montes, que começavam a poucos metros dos enormes aposentos em que os tinham hospedado, e a luz intensa e branca não lhe lembrava os tons ocre de Mendoza. Isto era perfeito. Desejava-o há alguns anos, mudar-se para outro lugar, ou mudar de corpo, ou de mundo, qualquer coisa que lhe permitisse transformar a sua vida. Alina observou o «kentuki» — era assim que o designavam na caixa e que se lhe referiam no manual do utilizador. Estava no chão, sobre o carregador, ao pé da cama. A luz do ecrã da bateria mantinha-se ainda vermelha, e as instruções diziam que, quando se ligava pela primeira vez, devia carregar-se durante pelo menos três horas. Por isso, tinha de esperar. Tirou uma tangerina do balde e descascou-a enquanto caminhava pela sala, espreitando de vez em quando pela pequena janela da cozinha para verificar se alguém entrava ou saía dos ateliês. O de Sven era o quinto, mas ela ainda não tinha descido até ao piso térreo para o ver. Nunca antes o acompanhara numa das suas residências artísticas, pelo que estava a ser cuidadosa com os passos que dava, tentava evitar incomodá-lo ou impor-se nos seus espaços. Tinha decidido fazer o que fosse necessário para que ele não se arrependesse de a ter convidado.

Era ele que ganhava as bolsas artísticas, era ele que andava para trás e para a frente com as suas enormes xilografias monocromáticas, «a apresentar a arte ao povo», «a oferecer tinta à alma», «um artista com raízes». Ela não tinha plano algum, nada que lhe servisse de

sustento ou que a protegesse. Não tinha a certeza de quem era e tão-pouco sabia o que fazia ao aceitar viver naquele mundo. Ela era a mulher dele. A mulher do mestre, como lhe chamavam naquela pequena aldeia de Vista Hermosa. Quando algo de verdadeiramente novo acontecia na sua vida, por mais tolo que lhe parecesse, como era o caso desta descoberta insólita dos kentukis, tinha de o reservar para si própria, pelo menos até saber ao certo o que fazia. Ou até saber porque é que, desde que tinha chegado a Vista Hermosa, tudo aquilo lhe parecia estranhíssimo: era incapaz de deixar de perguntar a si própria o que iria mudar na sua vida para que a monotonia e os ciúmes não a deixassem fora de si.

Tinha comprado o kentuki em Oaxaca, que ficava a uma hora da aldeia, após ter deambulado exaustivamente entre feiras de rua e lojas de artigos de *design* cheias de coisas que não poderia comprar. Na verdade, até poderia — corrigia-se a si mesma sempre que os seus pensamentos repetiam essa ideia: o acordo com Sven estipulava que ela o acompanharia nas residências artísticas e que, em troca, ele pagaria todas as despesas, embora fosse verdade que, estando ainda na primeira paragem, ela já o tinha visto consultar a conta bancária demasiadas vezes, permanecendo então em silêncio ou suspirando.

No mercado, caminhou entre as bancas de fruta, especiarias e roupa, evitando reparar nos gansos e nas galinhas que, pendurados vivos pelas patas, se sacudiam em silêncio, exaustos na sua própria agonia. Nos fundos do mercado, encontrou um local envidraçado, extremamente branco e asseado entre tantas bancas de rua. As portas automáticas abriram-se, ela entrou e as portas fecharam-se, produzindo um som levemente abafado. Alina deu graças pelo suave ronronar do ar condicionado e por todos os empregados estarem ocupados a atender outros clientes ou a fazer reposições: ficara a salvo. Tirou o lenço da cabeça, soltou o cabelo e avançou entre expositores de eletrodomésticos, aliviada por poder caminhar junto a tantas coisas de que não precisava. Passou pelas máquinas de café e de barbear, e parou alguns metros mais à frente quando

os viu pela primeira vez. Estavam ali uns quinze ou vinte, empilhados dentro de caixas. Era óbvio que não se tratavam de meros brinquedos. Alguns modelos estavam fora das caixas, para que as pessoas os pudessem ver, embora em zonas suficientemente altas para que ninguém lhes tocasse. Alina pegou numa das caixas. Eram brancas, com um *design* impecável, como as do iPhone e do iPad de Sven, só que maiores. Custavam 279 dólares, eram caros. Não eram muito bonitos, mas ainda assim tinham um toque de sofisticação que ela não conseguia descrever com exatidão. Que bonecos eram aqueles? Deixou a bolsa no chão e agachou-se para observar as caixas em detalhe. As imagens impressas nas embalagens mostravam diversos animais. Havia toupeiras, coelhos, corvos, pandas, dragões e corujas. Mas eram todos diferentes uns dos outros, com distintas cores e texturas, alguns tinham pormenores específicos do modelo em causa. Analisou outras caixas com toda a atenção, até ter destacado mentalmente cinco delas. Depois, reviu essas cinco e escolheu duas. Agora, tinha de decidir, e pensou no tipo de decisão que estava a tomar. Uma caixa dizia: «crow/krähe/乌鸦/cuervo/corvo», a outra dizia «dragon/drache/龙/dragón/dragão». A câmara de vídeo do corvo era capaz de filmar imagens na escuridão, mas o corvo não era impermeável. O dragão era impermeável e tinha a capacidade de gerar uma pequena chama, mas ela não fumava, e Sven também não. Gostava do dragão porque lhe parecia menos rudimentar do que o corvo, mas sentia que o corvo lhe dizia algo mais. E era este género de comparações que ela não sabia se deveria fazer para decidir aquela compra. Recordou-se de que custavam 279 dólares e recuou um pouco. Apesar disso, pensou, ainda tinha as caixas nas mãos. Iria acabar por comprá-lo, apenas porque sim, e com o cartão de Sven, e já antecipava os suspiros dele ao consultar a conta bancária. Levou o corvo até ao balcão de pagamento, atenta aos efeitos daquela decisão no seu ânimo, e concluiu que a compra poderia mudar alguma coisa na vida dela. Não sabia, porém, exatamente o que se iria alterar, nem se estava a levar o modelo certo.

O empregado que a atendeu, um adolescente, saudou-a com entusiasmo quando a viu aproximar-se com um kentuki nas mãos.

— O meu irmão tem um — disse, — e eu estou a poupar para o meu, são fantásticos.

Usou precisamente esta palavra, «fantásticos». E ela duvidou, pela primeira vez, não da compra, mas de ter escolhido o corvo, até que o rapaz, com um sorriso, lhe tirou a caixa das mãos e fez a leitura do código de barras, que soou límpida e irreversível. Deu-lhe um cupão de desconto para a próxima compra e desejou-lhe um bom dia.

Ao regressar a Vista Hermosa, limitou-se a entrar no quarto, descalçar as sandálias e deitar-se por um instante na cama, com os pés sobre a almofada de Sven. A caixa do kentuki estava próxima dela, ainda fechada, e deu por si a pensar se depois de a ter aberto a poderia devolver. Um pouco depois, já recomposta, sentou-se e pôs a caixa sobre as suas pernas. Exalava um cheiro a tecnologia, plástico e algodão. E havia algo de excitante nesse gesto, a distração milagrosa de esticar cabos novos, enrolados com esmero, arrancar as proteções de celofane a dois tipos diferentes de adaptadores, acariciar o plástico sedoso do carregador.

Pôs tudo de lado e tirou da embalagem o kentuki. Era um boneco bastante feio, um peluche cinzento e preto com a forma de um enorme ovo rígido. Colado ao estômago, como se fosse uma gravata com um relevo imenso, um plástico amarelo fazia as vezes do bico do corvo. Pensou que os olhos fossem negros, mas quando os observou com mais cuidado percebeu que estavam fechados. Tinha três rodas de borracha lisa — duas ocultas sob as patas, uma terceira quase na cauda —, e as asas, pequenas e encostadas ao corpo, pareciam ter uma certa independência. Como se se pudessem mover ou sacudir. Encaixou o boneco no carregador e esperou que a luz de contacto se iluminasse. Tremeluzia de vez em quando, como se estivesse à procura de rede, e de seguida voltava a apagar-se. Pensou se teria de ligá-lo à rede wifi, mas releu o manual e confirmou o que se

recordava de ter lido na caixa, o 4G/LTE ativava-se automaticamente, o utilizador só tinha de acoplar o kentuki ao carregador. A aquisição incluía um ano grátis de dados móveis e não era necessário instalar nem configurar nada. Sentada na cama, consultou o manual durante algum tempo. Por fim, encontrou o que procurava: quando o «amo» de um kentuki o põe a carregar pela primeira vez, deve ter «paciência de Amo». Tinha de esperar que o kentuki se ligasse aos servidores centrais e gerasse um *link* com outro utilizador, alguém noutra parte do mundo que desejasse «ser» um kentuki. Da velocidade da conexão dependeria o tempo de espera para que a instalação do *software* fosse concluída nas duas portas, estimando-se que demorasse entre quinze a trinta minutos. Pedia-se que o kentuki não fosse desconectado até o processo terminar. Desiludida, Alina remexeu no conteúdo da caixa. Estranhou que, para além do carregador e do manual, não houvesse nenhum dispositivo que lhe permitisse manobrar o boneco. Supôs que funcionasse de modo autónomo — comandado por esse outro utilizador, o tal «ser» kentuki —, mas será que nem sequer poderia pará-lo ou desligá-lo? Deu uma vista de olhos pelo índice do manual. Queria saber se não haveria critérios de seleção desse outro utilizador que seria o seu kentuki, atributos que ela pudesse personalizar; apesar de ter procurado várias vezes no índice e lido na diagonal algumas páginas, não encontrou nenhuma pista. Fechou o manual, sentindo-se algo inquieta, e foi servir-se de uma bebida fresca.

Pensou em enviar uma mensagem a Sven, ou em ganhar coragem para ir ao ateliê. Precisava de averiguar como decorriam os trabalhos desde que, há uns dias, chegara uma assistente para o processo de estampagem. Eram obras de grande dimensão, e o papel húmido era demasiado pesado para ser manuseado por uma única pessoa. «Afeta a qualidade do traço», protestou Sven, até que o seu galerista teve a fabulosa ideia de lhe arranjar alguém que o assistisse no trabalho. Mais tarde ou mais cedo, teria de visitar o ateliê e ver o que por lá nascia. Deitada na cama, olhou para o ecrã do carregador:

a luz estava verde, já não tremeluzia. Sentou-se junto ao aparelho, com o manual nas mãos, e leu as instruções durante mais algum tempo. De quando em vez, olhava para o peluche, para comprovar ou memorizar pormenores. Tinha a expectativa de estar perante uma espécie de tecnologia japonesa de última geração, um passo à frente desses robôs domésticos sobre os quais lia desde criança nas revistas dos jornais de domingo, mas concluiu que não havia nada de novo: o kentuki era apenas um misto de peluche articulado e telefone. Tinha uma câmara, um pequeno altifalante e uma bateria que, em função do uso dado ao boneco, durava entre um a dois dias. Era um conceito velho, com tecnologia que também parecia antiquada. E, apesar disso, a fusão era engenhosa. Alina pensou que em breve haveria uma moda destes animais e que, por uma vez na vida, pertenceria a uma dessas primeiras ondas de utilizadores que toleram, condescendentes, o entusiasmo de novos fãs. Aprenderia um truque simples para pregar um susto a Sven mal ele regressasse, tinha tempo para pensar nessa brincadeira.

Quando a ligação do K0005973 ficou, por fim, estabelecida, o kentuki mexeu-se uns centímetros na direção da cama, e Alina pôs-se de pé num salto. Era um movimento expectável, mas que ainda assim a surpreendeu. O kentuki desceu da plataforma do seu carregador, avançou até ao centro do quarto e parou. Ela aproximou-se, mantendo-se a alguma distância. Deu uma volta em redor dele, mas o peluche não se tornou a mexer. Foi então que se apercebeu de que ele tinha os olhos abertos. A câmara está ligada, pensou. Tocou na ganga das suas calças, era um milagre não estar em roupa interior no quarto. Ponderou desligá-lo até decidir o que fazer, e deu-se conta de que não sabia como. Não se via nenhum interruptor no kentuki, nem na sua base. Voltou a pô-lo no chão e ficou a olhar para ele. O kentuki também a fitava. Iria mesmo falar para ele? Assim, a sós naquele quarto? Pigarreou. Aproximou-se um pouco mais do boneco e acocorou-se diante dele.

— Olá — disse Alina.

Alguns segundos depois, o kentuki avançou para ela. Que tolice, pensou, mas na verdade sentia muita curiosidade.

– Quem é? – perguntou Alina.

Precisava de saber que tipo de utilizador lhe tinha calhado. Que género de pessoa escolheria «ser» kentuki em vez de «ter» um kentuki? Imaginou que também poderia tratar-se de alguém que se sentisse sozinho, uma pessoa como a sua mãe, na outra ponta da América Latina. Ou um misógino velho e tarado, ou um depravado, ou alguém que não falava espanhol.

– Olá? – perguntou Alina.

O kentuki aparentava não ser capaz de falar. Ela sentou-se de novo diante dele e esticou-se para agarrar o manual. Abrindo no capítulo intitulado «Passos iniciais», procurou uma sugestão para aquela primeira comunicação. Talvez o manual incluísse perguntas a que pudesse responder-se com sim ou não, ou sugerisse instruções iniciais, como que o kentuki respondesse «sim» rodando para a esquerda e «não» rodando para a direita. Será que o utilizador que «era» o kentuki tinha um manual igual ao dela? Não encontrou nada além de perguntas técnicas, conselhos sobre a manutenção e os cuidados a ter com o robô.

– Se me ouves, dá um passo em frente – disse Alina.

O kentuki avançou uns centímetros, e ela sorriu.

– Dá um passo para trás sempre que quiseres dizer «não».

O kentuki não se mexeu. Era divertido. Percebeu claramente, e de imediato, o que queria perguntar. Queria saber se era homem ou mulher, que idade tinha, onde vivia, a que se dedicava, que coisas lhe interessavam. Tinha de avaliar e, com urgência, decidir que tipo de «ser» lhe saíra em sorte. O kentuki estava ali a observá-la, talvez tão ansioso por responder como ela por perguntar. Nesse momento, pensou que o seu corvo poderia bicar na sua intimidade de modo explícito, vê-la-ia de corpo inteiro, conheceria o tom da sua voz, a sua roupa, os seus horários, poderia andar livremente pelo quarto e, à noite, conheceria também Sven. Por seu lado, ela não podia fazer

nada exceto perguntar. O kentuki podia decidir não responder, ou mentir-lhe. Podia afirmar que era uma estudante filipina e ser, na verdade, um trabalhador petrolífero iraniano. Podia, num acaso insólito, ser alguém que ela conhecesse e nunca o admitir. Pelo contrário, ela tinha de lhe mostrar a sua vida por inteiro, transparente, tão disponível quanto tinha estado para o pobre canário da sua adolescência que morreu a olhar para ela, suspenso na sua jaula no centro do quarto. O kentuki guinchou, e Alina olhou para ele, franzindo o sobrolho. Foi um guincho metálico, como o de uma cria de águia que estivesse fechada dentro de uma caixa de lata.

— Espera — disse ela. — Tenho de pensar.

Levantou-se, caminhou até à janela que dava para os ateliês e espreitou para ver o teto do estúdio de Sven. Sentindo-se talvez exasperado com a espera, o kentuki voltou a guinchar. Alina ouviu os seus movimentos, viu que ele se aproximava dela, oscilando, por vezes, devido às irregularidades do chão de madeira. Deteve-se já muito perto dela. Ficaram assim, parados, a olhar um para o outro. Até que um som vindo dos ateliês a distraiu e fez regressar à janela. Pôde ver que, lá fora, a nova assistente de Sven saía da sala. A repariga ria-se, gesticulava na direção do estúdio, talvez para alguém que, lá dentro, lhe dava troco às brincadeiras, alguém que continuava a saudá-la enquanto ela, ao afastar-se, insistia em virar-se para trás para o ver. Alina sentiu umas pancadas nos pés. O kentuki estava encostado a ela, com a cabeça virada drasticamente para cima, de modo a conseguir observá-la. Agachou-se e pegou nele. Era pesado, pareceu-lhe até mais pesado do que quando o tirou da caixa. Imaginou o que aconteceria se o deixasse cair. Se perderia a ligação a este utilizador em particular, se o boneco se desligaria em definitivo ou se estaria preparado para resistir a certos acidentes. Piscou os olhos, sem desviar o olhar dela. Aquela mudez era enternecedora. Uma boa decisão dos fabricantes, pensou Alina. Um «amo» não quer saber a opinião dos seus animais de companhia. Depois disto, percebeu o que se passava, era uma armadilha. Ligou-se ao outro utilizador,

investigar quem ele seria, diria também muito sobre si mesma. A longo prazo, o kentuki acabaria sempre por saber mais sobre ela do que ela acerca dele, isso era inegável, mas ela era a sua *ama*, e não permitiria que o peluche fosse mais do que uma mascote. Em última análise, era precisamente de um animal de estimação que ela precisava. Decidiu que não lhe faria qualquer pergunta, pois sem as perguntas o kentuki dependeria apenas dos movimentos, seria incapaz de comunicar as suas intenções. Era uma crueldade necessária.

Deixou o corvo no chão, virado de novo para o quarto, e empurrou-o ligeiramente para a frente. O kentuki percebeu: evitou as pernas das cadeiras e da mesa, passou ao largo da cómoda e afastou-se dela, lentamente, na direção do carregador.

Registaram-se já milhares de casos: pessoas reais, de todas as idades e estratos sociais, oriundas de diferentes continentes e ligadas em rede, entram em contacto umas com as outras através da mais recente invenção tecnológica. De Vancouver a Hong Kong, de Tel Aviv a Barcelona, os kentukis estão a espalhar-se rapidamente por todos os cantos do mundo, permitindo que, sob a aparente inocência de um brinquedo, um perfeito desconhecido entre na nossa intimidade, levando-nos a viver uma aventura maravilhosa, um amor inesperado ou, na mesma medida, um terror inigualável...

Segundo romance de Samanta Schweblin, *Kentukis* revela o preço a pagar pela nossa complexa e constante relação com a tecnologia, repensando a nossa noção de voyeurismo e expondo o leitor aos limites do preconceito, do desejo e das boas intenções.

«O genial não é o que Schweblin diz, mas, antes, o modo como o diz. A sua estrutura tão enigmática e disciplinada parece colocar este livro num novo género literário.»

The New Yorker

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-8864-57-4  9 789898 864574 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	